



PSICANALISTA  
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | [patricialins@patricialins.org](mailto:patricialins@patricialins.org)

## Lidando com o agressor

*Patrícia Lins de Paula*

*Psicanalista*

Quando abordamos a questão de lidar com o agressor, em geral, nos vêm à cabeça a imagem de uma mulher martirizada, que se relaciona com um homem violento, a quem pensa amar, que a maltrata tanto física quanto psicologicamente.

Contudo, podemos ampliar essa representação para o caso de uma criança que sofre abusos por pais castradores e excessivamente severos, ou ainda aqueles que as deixam órfãs de seu afeto e atenção, quando não praticam outros tipos de violência, como a tentativa de aliená-las de outros vínculos.

De outro modo, também pensamos nas crianças que agredem os cuidadores, em rompantes de agressividade descontrolada, quando o respeito se perde e os limites são ultrapassados.

Analogamente, podemos pensar nos idosos; tanto aqueles que negam as recomendações médicas, dos filhos atenciosos ou das autoridades sanitárias para os cuidados com a saúde, quanto do lado oposto, dos filhos que se aproveitam da vulnerabilidade da senectude (grosso modo) para infligir neles maus tratos.

Em todos estes casos, como lidar com o agressor?



PSICANALISTA  
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | [patricialins@patricialins.org](mailto:patricialins@patricialins.org)

Freud localiza as raízes da agressividade na reação às inevitáveis frustrações, no contato com o princípio da realidade.

Por isso, é indispensável trabalhar a tolerância à frustração pela via criativa, desde a infância, a fim de que o sujeito desenvolva recursos psíquicos para lidar com a negação e enfrente os primeiros conflitos psicológicos, como perdas e frustrações. As brincadeiras, expressões artísticas, rir mais de si mesmo, não tomar tudo para o lado pessoal, vai tornando o indivíduo mais flexível e resistente perante ao que se contrapõe ao seu desejo.

Por isso, lidando com o agressor, a primeira saída é não se deixar afetar por ele.

Para Winnicott, a agressividade é inata ao ser, mas a violência não. Então, o problema não é o da agressividade natural, mas da expressão destrutiva dessa agressividade numa tentativa de constranger e submeter o outro.

Para lidar com o agressor se propõe desenvolver uma estratégia de se proteger, sem atacar.

Não raro, o que vemos acontecer em nossa sociedade é um grande repúdio à manifestação agressiva; e de fato, não fazemos aqui apologia à violência, mas a criança que na escola grita e corre, bagunça e pinta, e não está sempre ajustada à cadeira com o penteado irretocável, se constrangida e excessivamente coarctada em sua espontaneidade se sente num ambiente incapaz de reconhecer e legitimar sua agressividade natural, levando-a a concluir e optar, ao menos num primeiro momento, pela inibição, autocontrole excessivo, compulsivo ou até destrutivo.



PSICANALISTA  
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | [patricialins@patricialins.org](mailto:patricialins@patricialins.org)

É importante reconhecer o agressor como alguém em profundo sofrimento psíquico, ainda que nem sempre isso esteja apresentado de modo tão claro.

Para Winnicott, a agressividade está relacionada com o desenvolvimento emocional.

Assim, gritar, vociferar e protestar iradamente é quase um pedido de socorro desesperado para um desequilíbrio emocional instalado.

É lógico que essa nem de longe é a melhor forma de resolver conflitos, mas assim como a criança que esperneia por experimentar uma grande sensação de impotência e inutilidade física, culminando numa explosão de raiva, o adulto irascível busca o entendimento e socorro para quem esteja lidando com ele.

Se o agressor apresenta domínio na linguagem da raiva, ensina-lhe a linguagem da criatividade.